**ANÁLISE DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE CASOS DE CÂNCER NA VAGINA NO BRASIL**

Ayara Almeida Souza Cabral ¹

Pedro Henrique de Lima Martins Filho 2

Thaís Coimbra Batista 3

Thaisa Coimbra Batista 4

Carlos Roberto Bastos Filho 5

Suéllen da Silva Lima Ribeiro 6

 Hemilly Guimarães Lamonica 7

Dayane Carolini Rodrigues 8

Edson Brunetti da Silva 9

Francisco Anderson Abreu do Nascimento 10

Giovanna Silva Ramos 11

**RESUMO**

**INTRODUÇÃO:**  O câncer vaginal primário é raro, constituindo apenas 01% a 02% de todas as neoplasias malignas do trato genital feminino e apenas 10% de todas as neoplasias malignas vaginais. É estritamente definido como um câncer encontrado na vagina sem evidência clínica ou histológica de câncer cervical ou vulvar, ou história prévia dentro de 05 anos. A maioria das lesões suspeitas de malignidade na vagina correspondem a lesões metastáticas de câncer cervical ou vulvar, ou outras metástases para a vagina (por exemplo, mama, endométrio, trofoblasto, ovário, linfoma). **OBJETIVO:** O objetivo deste trabalho foi fazer uma análise do perfil epidemiológico de casos relacionados à câncer na vagina no Brasil nos anos de 2019 a 2022. **METODOLOGIA:** Trata-se de um estudo epidemiológico com uso de dados secundários do INCA e do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Foram constatados um total de 2.491 mil casos por neoplasia maligna da vagina no Brasil nos anos de 2019 a 2022. O ano de 2019 apresentou 720 casos, 2020 correspondeu a 555 casos, 2021: 627 casos e 2022: 589 casos confirmados, totalizando 2.491 mil casos por Neoplasia maligna da vagina no Brasil. Nas regiões que compõem o Brasil os casos confirmados de neoplasia maligna da vagina foram: região Sudeste: 1.150 casos (46.16%), com o maior percentual encontrado, seguido da região de Nordeste com 544 casos (21.83%), Sul com 490 casos (19.67%), Centro-Oeste com 189 casos (7.59%) e Norte com 118 casos (4.74%), assim apresentando os menores casos confirmados por neoplasia maligna da vagina nos anos de 2019 a 2022. **CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Embora a cirurgia seja a modalidade terapêutica predominante no tratamento do câncer vaginal, a abordagem multidisciplinar, envolvendo diferentes modalidades terapêuticas, desempenha um papel fundamental para garantir um cuidado abrangente e personalizado aos pacientes.

**Palavras-Chave:** Brasil; Epidemiologia; Incidência; Radioterapia.

**E-mail do autor principal:** ayaracabral@gmail.com

1 - Farmácia, Universidade Federal do Pará -UFPA, Belém-Pará, ayaracabral@gmail.com.

2 - Farmácia, Universidade de Fortaleza - UNIFOR, Fortaleza-Ceará, pedrohenrique.ce3@edu.unifor.br.

3 - Medicina, UniRedentor Afya, Itaperuna - Rio de Janeiro, thaiscoimbra0@gmail.com.

4 - Medicina, UniRedentor Afya, Itaperuna - Rio de Janeiro, thaisacoimbra3@gmail.com.

5 - Medicina, UniRedentor Afya, Campos dos Goytacazes - Rio de Janeiro, carlosrobertofbastos@gmail.com.

6 - Medicina, UniRedentor Afya, Campos dos Goytacazes - Rio de Janeiro, suellenlimaribeiro@gmail.com.

7 - Medicina, UniRedentor Afya, Itaperuna - Rio de Janeiro, guimaraeslamonicahemilly@gmail.com.

8 - Medicina, Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES, MINEIROS-GO, dayanecarolini@hotmail.com.

9 - Medicina, Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES, MINEIROS-GO, edsonbrunetti9@gmail.com.

10 - Enfermagem, Faculdade Rodolfo Teófilo, Fortaleza-CE, contatoabreu@outlook.com

11 - Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-Goiás, gioramos570@gmail.com

**1. INTRODUÇÃO**

 O câncer é um termo genérico para definir um grupo extenso de doenças que podem afetar qualquer parte do corpo, tem como característica a rápida criação de células anormais que crescem além de seus limites habituais e podem invadir partes adjacentes do corpo e se espalhar para outros órgãos (OPAS, 2020).

 O câncer vaginal primário é raro, constituindo apenas 01% a 02% de todas as neoplasias malignas do trato genital feminino e apenas 10% de todas as neoplasias malignas vaginais. É estritamente definido como um câncer encontrado na vagina sem evidência clínica ou histológica de câncer cervical ou vulvar, ou história prévia dentro de 05 anos. A maioria das lesões suspeitas de malignidade na vagina correspondem a lesões metastáticas de câncer cervical ou vulvar, ou outras metástases para a vagina (por exemplo, mama, endométrio, trofoblasto, ovário, linfoma) (ADAMS *et al.*, 2021).

 O câncer vaginal é uma doença rara e incomum que raramente é discutida. Embora o câncer vaginal tradicionalmente ocorra em mulheres mais velhas na pós-menopausa, a incidência de cânceres de alto risco induzidos pelo papilomavírus humano (HPV) está aumentando em mulheres mais jovens. O HPV tipo 16 é o tipo de HPV mais frequentemente isolado em cânceres de órgãos vaginais femininos. Devido à raridade do câncer, estudos de caso forneceram a maioria dos achados etiológicos. Muitas descobertas demonstram que vaginite crônica, comportamento sexual, trauma de nascimento, obesidade, exposição a produtos químicos vaginais e vírus são todos fatores de risco (BARAL *et al*., 2022).

**2. MATERIAIS E MÉTODOS**

 Trata-se de um estudo epidemiológico com uso de dados secundários do INCA e do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) (BRASIL, 2022). Foram coletados os dados (prevalência) de: Neoplasia maligna da vagina. Para a coleta de dados foram analisadas as variáveis como: ano, casos, estados do diagnóstico, faixa etária, regiões e modalidade terapêutica. Após a coleta, procedeu-se a tabulação, análise e organização dos dados através de estatística descritiva simples no programa Microsoft Office Excel 2007 e apresentou-se em forma de tabelas, utilizando os dados das variáveis em percentual de ocorrência de acordo com as variáveis do estudo. O levantamento epidemiológico apresenta como benefício as informações sobre o perfil epidemiológico encontrado em mulheres com câncer da vagina, durante o início de janeiro de 2019 até dezembro de 2022, dados que podem ser utilizados para o incremento de políticas públicas e para a implementação de estratégias de prevenção.

**3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram constatados um total de 2.491 mil casos por neoplasia maligna da vagina no Brasil nos anos de 2019 a 2022. O ano de 2019 apresentou 720 casos, 2020 correspondeu a 555 casos, 2021: 627 casos e 2022: 589 casos confirmados, totalizando 2.491 mil casos por Neoplasia maligna da vagina no Brasil. Segue o quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Relação com anos e casos por Neoplasia maligna da vagina no Brasil.

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Anos | Casos | % |
| 2019 | 720 | 28.90% |
| 2020 | 555 | 22.28% |
| 2021 | 627 | 25.17% |
| 2022 | 589 | 23.65% |
| TOTAL | 2.491 | 100% |

Fonte: (DataSUS, 2023)

 Nas regiões que compõem o Brasil os casos confirmados de neoplasia maligna da vagina foram: região Sudeste: 1.150 casos (46.16%), com o maior percentual encontrado, seguido da região de Nordeste com 544 casos (21.83%), Sul com 490 casos (19.67%), Centro-Oeste com 189 casos (7.59%) e Norte com 118 casos (4.74%), assim apresentando os menores casos confirmados por neoplasia maligna da vagina nos anos de 2019 a 2022.

Quadro 2: Relação com as regiões do Brasil com os casos confirmados por Neoplasia maligna da vagina.

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Regiões | Casos | % |
| Nordeste | 544 | 21.83% |
| Norte | 118 | 4.74% |
| Sul | 490 | 19.67% |
| Sudeste | 1.150 | 46.16% |
| Centro-Oeste | 189 | 7.59% |
| TOTAL | 2.587 | 100% |

Fonte: (DataSUS, 2023)

 Em relação à faixa etária, os maiores casos confirmados de neoplasia maligna da vagina no Brasil, foram em mulheres entre 60 a 64 anos correspondendo 343 casos (13.26%) seguido por mulheres entre 55 a 59 anos: 298 Casos (11.52%), 65 a 69 anos: 294 Casos (11.36%), 50 a 54 anos: 269 Casos (10.39%), 70 a 74 anos: 238 Casos (9.20%).

Quadro 3**:** Relação com a faixa etária que tiveram casos confirmados por Neoplasia maligna da vagina.

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Faixa Etária | Casos | % |
| 60 a 64 anos | 343 | 13.26% |
| 55 a 59 anos | 298 | 11.52% |
| 65 a 69 anos | 294 | 11.36% |
| 50 a 54 anos | 269 | 10.39% |
| 70 a 74 anos | 238 | 9.20% |

Fonte: (DataSUS, 2023)

Em relação à modalidade terapêutica, o mais utilizado foi: cirurgia: 701 mulheres, quimioterapia: 05 mulheres e radioterapia: 566 mulheres.

Quadro 4: Relação à modalidade terapêutica que teve casos confirmados por Neoplasia maligna da vagina no Brasil.

|  |  |
| --- | --- |
| Modalidade Terapêutica | Mulheres |
| Cirurgia | 701 |
| Quimioterapia | 5 |
| Radioterapia | 566 |

Fonte: (DataSUS, 2023)

 Ao analisar os números referentes aos anos de 2019 a 2022, na região sudeste, encontramos um total de 1.150 casos de neoplasia maligna da vagina. Essa é uma estatística que merece nossa atenção e reflexão, pois mesmo tratando-se de um número relativamente pequeno se comparado a outras neoplasias, cada caso representa uma pessoa e uma batalha individual. Ao investigar a faixa etária em que a ocorrência de neoplasia maligna da vagina foi mais frequente, foi surpreendente descobrir que mulheres entre 60 e 64 anos foram significativamente afetadas. Durante o período de estudo, foram registrados um total de 343 casos nessa faixa etária. A modalidade terapêutica mais comumente empregada para o tratamento da neoplasia maligna da vagina nos casos estudados foi a cirurgia, com um total de 701 casos. A cirurgia é frequentemente considerada o pilar principal do tratamento do câncer, e sua aplicação nesse contexto específico ressalta sua importância no manejo dessa condição. O papel da cirurgia é limitado no câncer vaginal primário, uma vez que o tumor primário está próximo à bexiga, uretra e reto. Em geral, o tratamento primário com cirurgia é limitado a lesões precoces e pequenas confinadas à mucosa vaginal (menos de 02 cm) (ADAMS *et al*., 2021). Na maioria dos casos e especialmente em estágios avançados, a radiação constitui a pedra angular do tratamento desta doença. Esta é uma combinação de radiação de feixe externo (EBRT) e radioterapia intracavitária ou braquiterapia (ICRT). A principal vantagem da radiação é a preservação dos órgãos. Como em outras malignidades pélvicas, a ressonância magnética tornou-se um componente essencial para definir adequadamente o volume do tumor e a relação espacial do tumor com os órgãos vizinhos durante o planejamento do tratamento (ADAMS *et al*., 2021). O câncer vaginal feminino parece ser uma malignidade que afeta mulheres em seus anos mais avançados de vida, com maior prevalência entre a sexta e a sétima décadas de vida. Estima-se que 15% dos pacientes são diagnosticados antes dos 50 anos e que 10% das células tumorais surgem em pessoas com menos de 40 anos (BARAL *et al*., 2022)

**4. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora a cirurgia seja a modalidade terapêutica predominante no tratamento do câncer vaginal, a abordagem multidisciplinar, envolvendo diferentes modalidades terapêuticas, desempenha um papel fundamental para garantir um cuidado abrangente e personalizado aos pacientes. A combinação adequada dessas modalidades terapêuticas, adaptadas às necessidades individuais de cada paciente, pode melhorar significativamente os resultados e a sobrevida geral.

**REFERÊNCIAS**

ADAMS, T. S.; ROGERS, L. J.; CUELLO, M. A. Cancer of the vagina: 2021 update. **International Journal of Gynecology and Obstetrics**, v. 155, n. S1, p. 19–27, 1 out. 2021.

BARAL, S. K. et al. A Comprehensive Discussion in Vaginal Cancer Based on Mechanisms, Treatments, Risk Factors and Prevention. **Frontiers in OncologyFrontiers Media S.A.**, , 18 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Banco de dados do Sistema Único de Saúde-DATASUS. Brasília, DF: MS, 2022.

OPAS - Organização Pan Americana de Saúde. Câncer. Folha Informativa. 2020.